

Os Gatos de Ulthar

H. P. Lovecraft

Dizem que em Ulthar, lá atrás do rio Sakai, ninguém jamais mata um gato; e ao olhar para aquele que ronrona perto do fogo aceso na lareira, sei que é verdade. Pois o gato é enigma chegado às coisas que o homem não pode ver. Ele é a alma do Egito antigo, conhecedor de histórias das cidades esquecidas de Meroe e Ophir. E sangue do sangue dos senhores das selvas secretas da África. Primo da Esfinge, fala a sua língua e, ainda mais antigo, se lembra de coisas que a Esfinge já esqueceu.

Em Ulthar, antes que os burgueses proibissem o assassinato de gatos, havia uma cabana onde um velho e sua esposa se divertiam roubando e matando os gatos de seus vizinhos. Por que faziam isso não se sabe; há quem odeie a voz dos gatos na noite e as tome como mau agouro; e ache mesmo que os gatos deveriam correr imperceptíveis pelos jardins e quintais à luz mortiça da madrugada.

Seja por que for, esse velho e sua mulher gostavam de prender e matar qualquer gato que chegasse perto de sua casa, e pelos gritos que se ouviam depois que escurecia a gente da vila imaginava que a maneira de assassinar os gatos era perversamente insólita. Mas os camponeses não falavam disso com o casal de velhos, seja por que a expressão habitual de seus rostos era má ou por que sua cabana era pequena, escura e arruinada demais, escondida entre carvalhos gigantes.

Na verdade os donos dos gatos odiavam o casal estranho mas os temiam ainda mais. E em vez de castigá-

los como assassinos brutais que eram, tratavam de vigiar para que nenhum bichano querido ou valente caçador de camundongos chegasse perto do bosque sombrio.

Quando sumia um gato por algum descuido e se ouviam depois os sons que chegavam da escuridão, seu dono se lamentava impotente ou se consolava agradecendo à Sorte por não ter perdido uma de suas crianças. Pois as pessoas de Ulthar eram simples e não conheciam a origem dos primeiros gatos.

Um dia, vindos do Sul, viajantes estranhos chegaram em caravana, a percorrer as ruas estreitas de Ulthar. Era gente morena e escura, diferente dos outros que costumavam atravessar a cidade, duas vezes por ano. Acamparam na Praça do Mercado e compravam contas coloridas dos mercadores e liam a sorte dos passantes por dinheiro. Faziam rituais estranhos e ninguém sabia dizer de onde vinham e suas carroças eram pintadas com figuras de corpos humanos com cabeças de gatos, gaviões, carneiros e leões. O chefe da caravana usava um capacete com dois chifres e círculos de metal com inscrições.

E nessa caravana singular vinha um garoto pequeno que, sem ter pai nem mãe, tinha só um gatinho preto como companheiro. A peste havia castigado sua vida, mas deixara com ele aquela coisinha peluda para diminuir sua tristeza; e quando alguém é muito jovem pode achar que as vivas brincadeiras de um gatinho preto são tudo o que se precisa. E esse menino de pele escura, chamado de Menes, por seu povo, ria muito mais do que chorava, a se distrair com as brincadeiras cheias de graça de seu bichano, sentado nos degraus de sua carroça pintada tão esquisita.

Na terceira manhã da chegada da caravana a Ulthar o gatinho de Menes sumiu. E enquanto o garoto chorava alto na Praça do Mercado alguém da cidade contou a ele do casal de velhos e dos sons que se ouviam à noite. E quando Menes ouviu essas histórias parou de chorar, ficou pensativo, depois rezou.

Estendeu os braços para o alto, em direção ao Sol, e rezou em uma língua que o povo de Ulthar desconhecia; e para dizer a verdade os camponeses nem tentaram entender o que Menes falava, por que muitas coisas aconteciam no céu e as nuvens tomavam formas incomuns.

Era estranho. Menes rezava e sobre suas cabeças formavam-se nebulosas figuras exóticas de criaturas híbridas, vestindo capacetes com chifres e discos de metal. A Natureza cria tais ilusões que impressionam as pessoas imaginativas. Naquela noite a caravana deixou Ulthar e nunca mais voltou.

E então os camponeses perceberam que em toda a cidade não havia um só gato. Todos os bichanos de todas as casas desapareceram: gatos grandes e pequenos, pretos, cinzentos, rajados, brancos, amarelos... O burgomestre Kranos jurou que o povo moreno levaria embora os gatos como vingança pela morte do gatinho preto de Menes e praguejava contra a caravana e o menino. Mas Nith, o tabelião esquelético, dizia que o velho casal do bosque era suspeito, já que seu ódio aos gatos era conhecido e cada vez mais ameaçador.

Ainda assim ninguém teve coragem de se queixar ao casal sinistro. Até mesmo quando Atal, o filho do estalajadeiro, jurou ter visto todos os gatos de Ulthar no bosque maldito ao por do sol, caminhando aos pares,

solenes e vagarosos, em um ritual jamais conhecido, formando um círculo em volta da cabana. O povo da cidade não sabia se acreditava no garoto; e mesmo achando que os velhos da cabana encantaram os gatos da cidade para depois matá-los, se acovardaram e preferiram deixar para falar com os dois quando viessem à cidade.

E assim Ulthar foi dormir em ódio e covardia. E quando o povo acordou de manhã, surpresa! Cada gato voltara à sua casa: grandes e pequenos, pretos, cinzentos, rajados, amarelos e brancos, não faltava nenhum. Ronronavam alto, felizes, gordos, luzidios. O povo maravilhado só falava nisso. Kranon insistia que o povo moreno levara os gatos, já que nenhum bichano jamais voltara vivo da casa no bosque. E todos concordavam: era curiosa a recusa dos gatos em comer, por dois dias inteiros deixaram seus pratinhos de carne e pires de leite intactos, dormindo preguiçosos ao sol ou perto das lareiras acesas.

Passou uma semana antes que o povo da vila notasse que as luzes da cabana dos velhos não acendia mais à noite. E então Nith se deu conta de que os velhos não apareciam na cidade desde o dia em que os gatos sumiram. Na outra semana o burgomestre superou o medo e decidiu averiguar o acontecido. Para testemunhas chamou Shang, o ferreiro e Thul, o açougueiro. E eles arrombaram a porta da cabana e foi só isso que acharam: dois esqueletos humanos no meio do chão de terra, limpos de todo vestígio de carne ou pele, e uma quantidade de besouros estranhos a se arrastar pelos cantos da sala.

Muito se falou em Ulthar. Zath, o médico legista,

Nith, o tabelião e Kranon, Shang e Thul eram assediados com perguntas. Até mesmo o pequeno Atal, filho do estalajadeiro, foi interrogado minuciosamente e recompensado com doces. Falava-se do velho posseiro e sua mulher na cabana, da caravana do povo moreno, do pequeno Menes e seu gatinho preto, da reza de Menes e da transformação do céu durante a reza, do que os gatos fizeram depois que a caravana partiu e do que foi achado na casa sombria no bosque.

E por fim o burgomestre decretou por lei o que foi depois contado por mercadores em Hatheg e discutido por viajantes em Nir: que na cidade de Ulthar ninguém jamais pode matar um gato